



ISSN 1984-5634

APRESENTAÇÃO

DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR: POR UMA HISTORIOGRAFIA DA DIFERENÇA

JOSÉ DOS SANTOS COSTA JÚNIOR*
ALAN CRHISTIAN QUADROS ALVÃO**

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

Durval Muniz é um nome de destaque na história da historiografia brasileira contemporânea. Tornou-se famoso por ser um dos mais destacados e criativos leitores de Michel Foucault e com uma sofisticada apropriação dessa filosofia pós-estruturalista na escrita da história. Professor exigente e cativante, tem se destacado nos estudos no campo da teoria da história e história da historiografia com pesquisas realizadas e publicadas no Brasil e no exterior. Cruzando os trânsitos e trajetos da Paraíba a São Paulo e por muitos outros territórios brasileiros e estrangeiros, é um dos mais reconhecidos historiadores dos espaços, objeto de pesquisa que emergiu em sua tese *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1994, posteriormente publicada como livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (Cortez/Massangana, 1999), uma das mais marcantes obras da produção historiográfica contemporânea, tendo sido vencedora do Prêmio Nelson Chaves de teses sobre o Norte e o Nordeste brasileiros - Área de História, da Fundação Joaquim Nabuco em 1996. Recentemente a obra foi adaptada para o teatro pelo grupo Carmin, de Natal/RN. A peça *A Invenção do Nordeste* foi vencedora do Prêmio Shell de Melhor Dramaturgia e do Cesgranrio de Melhor Espetáculo, entre outros.¹

Este dossiê tem o objetivo de sistematizar aspectos da trajetória de Durval Muniz de Albuquerque Júnior como um dos principais historiadores contemporâneos, lançando luz sobre aspectos variados das suas pesquisas e publicações, bem como permitindo multiplicar possibilidades para investigações vindouras que queiram recobrir outras temáticas e possibilidades dessa trajetória singular. O subtítulo sugerido para o dossiê

COMO CITAR:

COSTA JÚNIOR, J. S.; ALVÃO, A. C. Q. Durval Muniz de Albuquerque Júnior: Por uma historiografia da diferença. *Aedos*, v. 15, n. 33, p. 5-9, jan.-jun., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é docente no Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). ORCID iD: 0000-0002-0629-3217. E-mail: josedossantoscostajr@gmail.com

** Doutorando em Educação em Ciências na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela UFRGS. Licenciado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). ORCID iD: 0000-0001-7815-3363. E-mail: alanquadrosalvao@gmail.com

se refere justamente ao fato de que este autor é um dos maiores leitores e divulgadores das filosofias da diferença no cenário intelectual brasileiro e latino-americano, notadamente aquela filosofia da diferença de matriz foucaultiana. Desde os anos 1980 a sua escrita historiográfica e atuação docente têm sido performadas na articulação crítica e criativa com pensadores rebeldes como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Lacan, Félix Guattari etc. Não há dúvidas de que a emergência da filosofia da diferença e sua apropriação por pensadores franceses a partir dos anos 1960 remete à obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, no século XIX e, mais que isso, aos escritos de Baruch Espinosa, pensador holandês do século XVII – a quem Deleuze chamou de “o príncipe da filosofia da diferença” (MACHADO, 2009; DELEUZE, 2018). Esta filosofia, ou na verdade, filosofias da diferença, que terão em Nietzsche um grande ponto de inspiração no século XX, se tornarão muito plurais e a depender do autor ou autora da vez, ganharão contornos muito específicos (COSTA JÚNIOR, 2022). Embora todos em alguma medida tenham se preocupado com as temáticas da linguagem e subjetividade, há que se perceber que os modos como estudaram e escreveram sobre isso não são necessariamente convergentes. E nisto está um traço rico das filosofias da diferença como apostadoras na multiplicidade, na variabilidade e na criação de novos modos de experimentar, pensar, ler e escrever. Tal intensidade filosófica – que esteve vinculada às participações políticas desses intelectuais e suas formas de intervenção no campo social – são analisadas pela filósofa brasileira Scarlett Marton quando ela reflete sobre a dita “complexidade” dos textos desses pensadores malditos ou rebeldes. De acordo com Scarlett, essa dificuldade que se tem inicialmente com os textos desses pensadores deixa muito claro como a rebeldia desses pensamentos precisava também de outras estratégias de comunicação e escrita para se fazer ver e dar a ler. A revolta ou rebeldia se deu na própria forma de escrever e pesquisar na área da Filosofia, algo que Nietzsche havia feito quando se recusou a redigir “tratados” filosóficos e experimentar a linguagem dos aforismos, por exemplo. Daí as singularidades e estranhamentos que se tem diante de obras como *As palavras e as coisas* (1966) ou *A arqueologia do saber* (1969) para ficarmos com o filósofo Michel Foucault, sem dúvida o mais fortemente presente na trajetória do historiador Durval Muniz.

Portanto, se nas filosofias da diferença não há a dicotomia entre realidade/linguagem, pode-se ver na obra de Durval Muniz uma rigorosa apropriação disso em termos teórico-metodológicos. Tal rigor jamais prescindiu de uma sensibilidade visceral nos modos de constituição dos seus objetos de pesquisa e na reafirmação da história como um saber vinculado à vida, às formas de vida sempre plurais no tempo e no espaço. “Defini-lo” como praticante de uma historiografia da diferença dirá respeito a uma trajetória que inter cruzou lugares entre uma “periferia” e um “centro” de produção da “historiografia nacional”. Sob o signo de uma diferença muitas vezes polêmica e atacada pelos críticos de plantão, mas não menos elogiada e premiada pela crítica especializada, a obra de Durval Muniz vem fazendo muito: deslindou as tramas que constituíram o Nordeste como um recorte regional nem sempre questionado no desenho da nação, abrindo assim a possibilidade de uma história dos espaços, quando estes eram dados como sempre aí; sacudiu o castelo de imagens e cenas que compuseram a masculinidade em relações de poder e dominação, a exemplo do “nordestino cabra-macho”; deslegitimou as identidades regionais e de gênero em um gesto irônico e iconoclasta, genuinamente nietzschiano, desconfiando das vontades de poder e de verdade implicadas no “princípio da identidade” criado desde Aristóteles

1 Para uma levantamento com os prêmios recebidos em 2019, ver: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/01/16/grupo-carmin-realiza-sessao-virtual-de-a-invencao-do-nordeste-na-quarta-feira-19.ghtml#:~:text=Em%202019%2C%20%22A%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20do,Cultural%20e%20Quest%C3%A3o%20de%20Cr%C3%ADtica>. Acesso em 31 de jan. 2023.

(MOSÉ, 2014); descreveu as marcas do falocentrismo e do sexismo na prática historiográfica e na monumentalização do passado; mobilizou as ferramentas genealógicas de Nietzsche e Foucault e a metáfora do “jogo” para analisar as relações político-institucionais que marcam a escrita da história entre disputas e privilégios; cruzou espaços variados, leu e deu a ler uma forma sofisticada e sensível de pesquisar-escrever a história, sem necessariamente adotar um tom panfletário nem salvacionista, mas assumindo a escrita como possibilidade multiplicadora. Afinal, falar em uma historiografia da diferença tem muito menos a ver com a configuração de um roteiro a seguir do que com uma atitude a adotar frente ao arquivo, às fontes, ao corpo a corpo na pesquisa e no ensino, às formas de tornar o passado inteligível e o presente estranhável, analisável.

Durval Muniz possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1982), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona e em Teoria e Filosofia da História pela Universidade de Coimbra. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordena o *Corpus*: grupo de estudos e pesquisas em história dos corpos e das sensibilidades; faz parte do *Histor*: Núcleo de estudos de teoria da história e história da historiografia e do grupo de pesquisa em História dos Sertões. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, nordeste, masculinidade, identidade, cultura, biografia histórica, produção de subjetividades e história das sensibilidades.

Autor de textos sobre espaços e regionalidades, gêneros e sexualidades, atento ao corpo na história e às sensibilidades que emergem do arquivo e podem ser traduzidas ou comunicadas pela escrita da história, Durval tem se consolidado como um dos principais historiadores brasileiros também ao defender e enfrentar as armadilhas do tempo presente. Se desde a adolescência esteve engajado em espaços de formação política e ética – como a entrevista desse dossiê nos permitirá perceber –, a sua inserção no campo acadêmico nunca o distanciou dos movimentos sociais e da luta em defesa da democracia. É assim que tem se posicionado e atuado mais recentemente diante dos desafios da conjuntura política e cultural brasileira.

Os textos que compõem o dossiê foram escritos por pessoas que tiveram as suas trajetórias acadêmicas e profissionais articuladas às de Durval Muniz, em diferentes momentos e posições variadas, desde aluno e orientando à companheira de turma no doutorado. Em *O que pode um livro?* a historiadora Regina Horta Duarte (UFMG) conta sobre a sua aproximação com Durval Muniz nos anos 1980 e o impacto da obra *A Invenção do Nordeste* no panorama historiográfico nacional. Como uma flecha rápida e certa, o texto nos permite pensar sobre as sensibilidades que um livro pode produzir, assim como as possibilidades disruptivas e inventivas que uma nova interpretação da história pode apresentar: “o Nordeste foi inventado!” Como? Por quê? Quando?

Ora, se o termo “invenção” está presente na obra de Durval Muniz desde a sua tese defendida em 1994 na UNICAMP, de lá pra cá a formulação desse conceito bastante operatório foi passando por transformações. Este é um ponto de partida da reflexão do historiador Fernando Bagiotto Botton

(UESPI) em *Com quantos paus se faz uma teoria? Invenção e masculinidade nos escritos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior*. No texto o autor discute o método inventivo-metafórico durvaliano em que “o termo ‘invenção’ não é mera palavra, nem necessariamente um conceito unívoco: é o produto e o resumo de um método, de um *modus operandi* intelectual, epistemológico, historiográfico, ético e político que se afirma por meio da irrupção da novidade, da multiplicidade, da ruptura e da diferença”. Trata-se de algo que se expressou na forma inovadora como este historiador foi estudar as masculinidades dentro da sua ampla pesquisa sobre a invenção do Nordeste como recorte regional. Na obra *Nordestino: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)* o historiador lança mão de uma análise crítica do gênero masculino como objeto de uma invenção histórica que, no caso da figura do “nordestino cabra-macho”, esteve articulado a processos de subjetivação marcados pela violência e dominação sobre os corpos não condizentes com tal identidade historicamente fabricada. Assim, Botton nos fala de uma historiografia durvaliana marcada por uma “defesa indelével da pluralidade e da multiplicidade de existências e práticas no interior da história, sua militância frente a uma perspectiva irreverente e desmitificante da história tanto lhe garantiu a alcunha de um historiador maldito como também abriu caminho para uma verdadeira vertente historiográfica mais reflexiva e teoricamente embasada”.

Assim, tomado o conceito de invenção como ferramenta heurística para a crítica da realidade e das narrativas históricas na obra de Durval Muniz, vemos outros desdobramentos para pensar a própria composição da historiografia profissional e científica no Brasil a partir dos anos 1970. Nisto, o texto *Percursos, encontros e produção do saber histórico: Durval Muniz de Albuquerque Jr. na geografia disciplinar da História no Brasil (1990-2015)*, de Wagner Geminiano dos Santos, emerge nesse dossiê para fazer ver como Durval Muniz foi um dos intelectuais protagonistas da renovação do debate historiográfico dos anos 1980 para cá.

Focaliza a trajetória intelectual do nosso historiador em dois momentos: primeiro, a realização do doutorado em História na UNICAMP até a publicação do livro *A Invenção do Nordeste*; segundo, os acontecimentos e parcerias que o levaram à presidência da Associação Nacional de História (ANPUH) no biênio 2009-2011 – sendo o primeiro historiador fora do eixo Sul-Sudeste a assumir esse posto –, buscando relacioná-los à configuração da memória e da geografia disciplinar da história profissional no Brasil no período. Santos (2021) propõe o conceito de “geografia disciplinar” para “pensar e descrever a espacialização do saber histórico e a constituição das hierarquias de espaços e lugares de inscrição e produção do discurso histórico. Uma geografia disciplinar consiste nos processos de espacialização e hierarquização deste saber em um dado tempo e sociedade” (SANTOS, 2021). Tendo se configurado como historiador dos espaços, Durval Muniz foi e continua sendo um profundo crítico da clivagem que se faz entre “história nacional” (como sinônimo da produção feita no eixo Rio-São Paulo) e “história regional” para se referir à produção proveniente das instituições do Norte e Nordeste, ocupando aí uma posição não privilegiada na hierarquia institucional e acadêmica que até então funcionava quase como um não-dito.

Ainda nessa chave analítica da história dos espaços tem-se o texto de Gabriel José Pochapski (UNICAMP), *A escrita da história como prática de deslocamento: cartografando Durval Muniz, historiador e orientador*. Nele se pode ler uma narrativa sensível e uma “cartografia sentimental” de um jovem historiador que ao se encantar pela forma como Durval Muniz pensa e escreve, saiu do Paraná para

realizar o mestrado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com o objetivo de ser seu orientando. Desse gesto narrativo e analítico vemos os bastidores de uma pesquisa e de um processo de orientação acadêmica, mas fundamentalmente humana e subjetiva. Das conversas e cafés às correções obrigatórias, Pochapski nos mostra as dinâmicas e desafios do tornar-se historiador pelas mãos de Durval Muniz, ensinando-o a (re) pensar processos metodológicos e a própria presença da subjetividade na escrita de uma “ciência nômade” *a la* Deleuze-Guattari.

As dobras do processo de orientar a formação de novos historiadores foi um dos temas da nossa conversa com o professor Durval Muniz em duas entrevistas realizadas em momentos distintos (27 de agosto de 2021 e 6 de setembro de 2022), mas articuladas pelo desejo de compreender alguns aspectos da sua trajetória e da sua recepção do pensamento de Michel Foucault no Brasil.

A trajetória de Durval Muniz tem sido marcada por deslocamentos, algo expresso também na resenha *Tecer o tempo, proliferar as diferenças: a escrita e a teoria da história de Durval Muniz de Albuquerque Júnior*, escrita por Jacson Schwengber (UFRGS). Por meio dessa análise do livro *O tecelão dos tempos* (Intermeios, 2019), que contém novos ensaios de teoria da história, se vê uma síntese do conjunto de aprendizados que cada texto nos dá sobre como pensar (ainda, e outra vez) as aventuras e desventuras do processo de pesquisar e escrever na área da História com um afeto apaixonado no peito e um sorriso irônico nos lábios, assim como a famosa Mona Lisa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. *Anos 90*, v. 11, n. 19, p. 79-100, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- COSTA JÚNIOR, José dos Santos. Pós-estruturalismo e escrita da história: a genealogia foucaultiana como crítica da subjetividade. *Revista de Teoria da História*, v. 25, n. 1, Goiânia, 2022.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: Mariana de Toledo Barboa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.